

Algumas particularidades do *WhatsApp*: proximidade com a fala ou com a escrita?

Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro

PINHEIRO, Andrei F.C. Algumas particularidades do WhatsApp: proximidade com a fala ou com a escrita?, *Linguística Rio*, vol.3, n.2, junho de 2017.

ISSN: 2358-6826

Informações do autor

Andrei FC Pinheiro
Graduando em Letras na UFRJ
andreifcpinheiro@gmail.com

Outras informações

Enviado: 14 de fevereiro de 2017
Aceito: 21 de março de 2017
Online: 02 de junho de 2017

RESUMO: Neste trabalho, buscamos definir de que forma podemos tratar do *WhatsApp* ao caracterizá-lo como um *chat*, pautando-nos por Araújo (2010). Além disso, reconhecendo o fato de que os gêneros digitais promovem diversas inovações à comunicação, propomo-nos a discutir algumas características do *WhatsApp*, a saber: (1) as referências a elementos de natureza não verbal, como fotos e *emoticons*; e (2) a sobreposição e o intervalo temporal entre as mensagens dos interlocutores. Ao fazê-lo, chamamos atenção para a influência que tais características podem apresentar no modo como se retomam entidades já presentes no discurso, esperando, portanto, poder contribuir para pesquisas nessa área. Dessa forma, visamos, também, a apontar como as características discutidas podem aproximar o *WhatsApp* mais da fala ou da escrita prototípica.

PALAVRAS-CHAVE: *WhatsApp*; *chat*; *continuum* fala-escrita.

Introdução

David Crystal, em entrevista a Shepherd & Saliés (2013: 25), nos alerta para o fato – ao mesmo tempo em que parece nos convidar a enfrentá-lo – de que há poucos *corpora* do que ele chama de linguagem da internet, i.e., aquela usada em quaisquer gêneros digitais. Pode-se acrescentar a isso a afirmativa de Lima (2017: 7) segundo a qual “A expansão de uso das diversas mídias digitais cria novas possibilidades de interação, tendo como consequência o surgimento de novos gêneros digitais” – e por que não o surgimento de novas características em gêneros já existentes, como os *chats*? Abraçando o convite de Crystal e seguindo a proposta de Lima, este trabalho¹ se junta a outros (e.g., LÉ, 2012; LIMA & PAREDES SILVA, 2016) e se propõe a apresentar particularidades de um *chat* que podem se revelar influentes na maneira como os interlocutores selecionam as formas com as quais compõem o seu discurso, no momento em que se referem anaforicamente às entidades presentes neste. É assim, portanto, que nos voltamos às conversas privadas de *WhatsApp*².

¹ Agradeço imensamente à Profa. Vera Lúcia Paredes Silva por, desde 2014, ter me guiado pelos caminhos da Linguística.

² Neste trabalho, chamamos de conversas privadas aquelas que se dão entre apenas dois interlocutores, opondo-se, portanto, às conversas de grupo. Obtivemos a autorização de todos os envolvidos, a fim de

A pesquisa à qual nos referimos aqui dá continuidade ao trabalho discutido em Pinheiro (2016), em que analisamos a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica na fala de jovens cariocas em regime socioeducativo. Dessa forma, o objetivo central da nossa atual pesquisa é discutir a expressão dessa categoria gramatical. Isso, contudo, será feito em momento oportuno, dado que, antes de fazê-lo, julgamos necessário apontar quais influências o *WhatsApp*, enquanto *chat*, pode ter nas escolhas de variantes pelos usuários. Aqui, não nos propomos, pois, a apresentar respostas definitivas; visamos apenas à identificação de possíveis influências.

Podemos notar, como aponta Crystal, que muitos gêneros digitais, apesar de serem efetivamente escritos, contêm características que, compreendido o *continuum* fala-escrita, permitem-nos aproximá-los mais da fala do que da escrita:

Como a comunicação mediada pelo meio digital (CMD) muda nossa noção de texto? Há algumas continuidades em relação aos discursos tradicionalmente reconhecidos como oral e escrito, mas há também importantes descontinuidades. As diferenças em comparação à linguagem oral incluem novos padrões de troca de turno, os usos dos *emoticons* e novos ritmos conversacionais [grifo no original].

(CRYSTAL, 2010; *apud* SHEPHERD & SALIÉS, 2013: 21)

Nesse sentido, apresentaremos duas características do *WhatsApp* que, nessa etapa da nossa pesquisa, nos chamaram a atenção: (1) as referências a elementos de natureza não verbal, como fotos e *emoticons*; e (2) a sobreposição e o intervalo temporal entre as mensagens dos interlocutores.

Destacamos que, nesta pesquisa, não estamos analisando os conteúdos enviados por áudio ou por vídeo. Reconhecemos, no entanto, que é uma característica do *WhatsApp* e de outros *chats* atuais – como o *Messenger*, do *Facebook* – a possibilidade de as mensagens transmitidas por voz coexistirem com as mensagens efetivamente digitadas.

que pudéssemos usar das suas conversas para a composição do nosso *corpus*. No total, analisamos oito conversas privadas de *WhatsApp*, recolhidas em 2015, entre jovens universitários (de 19 a 21 anos, cursando a graduação), de ambos os sexos (cinco mulheres e três homens) e representantes de regiões brasileiras distintas (dois do norte, quatro do nordeste e dois do sudeste). Note-se que, dado o ano no qual foram recolhidas, ainda não se havia disponibilizado a atualização do aplicativo que permite selecionar uma mensagem específica e respondê-la diretamente, diminuindo margens para ambiguidades.

Estabeleçamos, primeiro, o que entendemos por *chat* e em qual subtipo desse gênero podemos enquadrar as conversas privadas de *WhatsApp*; para tanto, nos valeremos de Araújo (2010).

1. O *chat* e as conversas privadas de *WhatsApp*

Araújo, após retomar a comparação que Marcuschi (2000; *apud* ARAÚJO, 2010: 115) estabelece entre os *chats* e telefonemas, apresenta o *chat* como “uma situação comunicativa complexa que dá origem a muitos gêneros de bate-papo virtual”. Em seguida, atenta-se à existência de diversos tipos de *chat*, dentre os quais se podem notar o *chat* aberto, direcionado às práticas de linguagem cotidiana, o *chat* educacional, de interesses pedagógicos, e o *chat* jornalístico, com algum convidado. Mais adiante no seu texto, e chamando a nossa atenção para outra maneira de se classificarem os *chats*, o autor alude à proposta de Fonseca (2002; *apud* ARAÚJO, 2010: 124), segundo a qual haveria três subclassificações para os *chats* de texto (que se opõem às videoconferências e aos *voice chats*): os de texto livre, nos quais os temas discutidos são livres e negociados no momento de interação; os de texto moderado, nos quais se notam a figura de um moderador e assunto(s) definido(s) previamente; e os de texto especial, para os quais, além de constarem um moderador e uma temática acordada de antemão, há horário e data também previamente combinados. Por fim, cabe destacarmos a proposta de Araújo, que, opondo-se à nomenclatura “*chat* de texto”, de Fonseca, e ressaltando a forte presença de manifestações hipertextuais em gêneros digitais, nos transmite que:

(...) os *chats* que acontecem na web poderiam ser chamados de ***chats hipertextuais***, por trazerem, em sua textura, marcas indeléveis da riqueza plural da linguagem do hipertexto, de modo que os elementos sonoros, imagéticos e escritos se fundem para compor o texto conversacional, ainda que a escrita, nestes gêneros, apresente características distintas da usual. Isso acontece porque a *web* é um serviço da internet baseado no hipertexto e, por isso, seus gêneros se atualizam com marcas hipertextuais [grifos no original].

(ARAÚJO, 2010: 125)

Tomando por base a perspectiva de Araújo e dos trabalhos citados por ele, podemos traçar algumas considerações sobre o *WhatsApp* e as conversas privadas aqui utilizadas. Primeiramente, parece ser cabível classificar tais conversas como

manifestações de um *chat* aberto, visto que os participantes tratam de assuntos rotineiros, fazem-no por meio de uma linguagem cotidiana e demonstram algum nível de intimidade entre si. No entanto, observada a crescente popularidade do *WhatsApp*, não se deve descartar a possibilidade de tal plataforma ser usada com fins educacionais ou jornalísticos, enquadrando-se, pois, em outros tipos de *chats* para os quais Araújo nos chama a atenção.

Além disso, dada a proposta de Fonseca (2002; *apud* ARAÚJO, 2010: 124), deveríamos encaixar as conversas privadas de *WhatsApp*, em geral, na categoria de *chat* de texto livre, pois os interlocutores definem o rumo da conversa entre si mesmos, conforme a interação progride. Contudo, acreditamos, como Araújo, que a classificação “*chat* de texto” não se revela completamente esclarecedora – ao menos no que tange ao *WhatsApp*. Embora estejamos, na nossa pesquisa, nos voltando para as mensagens efetivamente digitadas, não podemos desconsiderar que o aplicativo permite a transmissão de conteúdos por áudio ou por vídeo, como já referido acima; dessa forma, o *WhatsApp* também pode funcionar como uma plataforma de videoconferências e de *voice chats*, corroborando os dizeres de Araújo (2010: 125): nos *chats*, “elementos sonoros, imagéticos e escritos se fundem para compor o texto conversacional”.

2. Usos e referências a elementos de natureza não verbal

Como Crystal já nos alertou, há componentes de gêneros digitais que os afastam da escrita prototípica, dentre os quais se encontra o uso de *emoticons*³, como observamos no exemplo abaixo:

- (1) *Informante 'M':*
 (08:59) E hj é aniversário de quemmmmmmmmm?
Informante 'J':
 (09:04) Simmmmmmm
 (09:04) [é aniversário da] Dona mãe do Rio!
 (09:04) Vou levar ela pra almoçar
Informante 'M':
 (09:04) Cara
 (09:04) Levá-la***** é o correto
Informante 'J':

³ Do inglês *emotion* (‘emoção’) + *icon* (‘ícone’), um *emoticon* costuma ser usado para representar “a emoção ou expressão facial de quem faz uso desse recurso” (Lima, 2017).

pela anáfora zero sem que haja dúvida sobre qual entidade está sendo discutida. Afinal, quer os zeros em questão retomem o *print* em si, quer eles retomem o SN proposto inicialmente, sabemos que a entidade à qual se alude é “*print*”.

Portanto, cabe nos perguntarmos se, dada a produtividade já atestada da anáfora zero, tanto na fala, quanto na escrita (cf. FREIRE & VIEIRA, 2014; MARAFONI, 2010), tal estratégia se demonstraria igualmente produtiva no *WhatsApp*, quando em referência a elementos não verbais, como *emoticons* e *fotos/prints*.

3. Sobreposição e intervalo temporal entre as mensagens

Acreditamos, contudo, que haja, ainda, outra característica de *chats*, mais especificamente do *WhatsApp* (dada a rapidez que ele tem atribuído às interações à distância), que os aproxime mais da fala do que da escrita prototípica. Trata-se da sobreposição entre as mensagens dos interlocutores. Voltemo-nos, de início, para a interação a seguir:

- (3) *Informante 'J'*
 (16:22) Elas saem às 16h do trabalho, eu acho
 (16:22) Durante semana
Informante 'F'
 (16:22) Vou chamar elas no facebook

Nesse exemplo, notamos que as mensagens de ‘F’ de fato parecem dar sequência às mensagens de ‘J’, respeitando o turno deste. Comparemos, porém, o exemplo (3) com os exemplos (4) e (5), abaixo:

- (4) *Informante 'J'*
 (20:43) Cê não tinha mais de 15,00?
Informante 'N'
 (20:43) KKKKKK
(20:44) Tinha Ø [mais de 15 reais] sim kkkk
Informante 'J'
 (20:44) Po, ‘N’, eu deixava dinheiro contigo
Informante 'N'
(20:44) Não teria vindo se não tivesse Ø [mais de 15 reais]
 (20:44) Mas não dava pra pagar mais que isso

- (5) *Informante 'J'*
 (18:29) Meu pai quer vender o ingresso dele
Informante 'F'
 (18:30) Ue gente, várias gatas no RIR [*Rock in Rio*]
 (18:30) Ele não vai aproveitar kkkk
 (18:30) Desculpa
(18:30) Vou parar de zoar seu pai
Informante 'J'
 (18:30) Olha o abuso kkkkkkkkkk
 (18:30) Ele vai casar, véi
Informante 'F'
(18:30) Nem o conheço

Nos dois exemplos anteriores, o que parece ocorrer é o seguinte: tanto 'F' quanto 'N' têm suas sequências de mensagens interrompidas (aquelas em negrito) por mensagens de 'J'. Vejamos, portanto. No exemplo em (4), a leitura mais viável seria a de que 'N' proferia: “Tinha [mais de 15 reais] sim. Não teria vindo se não tivesse”, uma sentença seguindo a outra imediatamente – tanto que 'J', em sua mensagem 'intromissora' talvez nem tenha tido tempo para considerar a primeira mensagem de 'N' destacada no exemplo. Já em (5), a relação lógica entre as mensagens de 'F' parece ser a seguinte: “Vou parar de zoar seu pai, [afinal] nem o conheço”, uma relação que não comportaria o conteúdo proposto por 'J' em suas mensagens 'intromissoras'. Dessa forma, temos que essa sobreposição de turnos também atua como um fator que aproxima de textos orais os textos produzidos em *WhatsApp*, à semelhança de quando as pessoas falam ao mesmo tempo.

Como essa característica pode dialogar com um trabalho como o nosso, que se proponha a discutir as formas com as quais se retomam elementos? Em Pinheiro (2016), demonstramos que, quanto mais próximas as menções a um mesmo referente⁶, mais se tende a retomá-lo por meio da anáfora zero, confirmando, mais uma vez, o princípio postulado por Givón (1983: 67): “Quanto mais previsível a informação, menos codificação linguística ela recebe.” Entretanto, retornando ao exemplo em (4), se lêssemos linearmente as mensagens de 'N' em negrito e a mensagem 'intromissora' de 'J', teríamos que as menções a “mais de 15 reais”

⁶ Em Pinheiro (2016), medimos em orações a distância entre as menções aos referentes.

propostas nas duas mensagens de 'N' destacadas – ambas, por meio de anáforas zero – distariam entre si 3 orações, pois entraria na contagem da distância a mensagem de 'J'. Como 'N' não parece tê-la considerado ao redigir suas mensagens, da mesma forma como não parece ter feito 'F' na conversa de que participa, parece-nos mais apropriado que não contemos as mensagens 'intromissoras', a fim de que possamos discutir de modo mais adequado o que ocorre na mente dos interlocutores no momento em que produzem seus discursos.

No entanto, não são todas as características de conversas por *WhatsApp* que aproximam os *chats* de gêneros prototipicamente falados. Notemos, por exemplo, a interação a seguir:

- (6) *Informante 'J'*
 (18:01) Eu pago o ingresso
 (18:01) Cê me dá um carro 0km
 (18:01) Partiu? Partiu
Informante 'N'
 (18:07) Claro
Informante 'J'
(18:12) Ou paga minha tatuagem
Informante 'N'
(18:55) Hmmm
(18:55) Vai fazer uma tatoo?

Diferentemente do que vimos nos exemplos (4) e (5), nos quais a troca de mensagens era tão imediata que elas poderiam se sobrepor, aqui temos um intervalo temporal maior: 'J' manda uma mensagem às 18h12min, mas 'N' a responde apenas às 18h55min. Isso se configuraria, portanto, como um aspecto que diferencia o *WhatsApp* da modalidade oral.

Em termos de uma análise de formas variantes em referência a entidades já mencionadas, poderíamos, com base no que expusemos acima, nos questionar se a distância temporal entre as mensagens também atuaria, na mente dos interlocutores, como um fator de distanciamento sintático, tornando menos previsíveis as informações propostas. A isso, porém, deve contrapor-se o fato de que, apesar do imediatismo com que se podem produzir as mensagens no

WhatsApp, elas são efetivamente escritas, o que permite que os interlocutores resgatem – ou mantenham por mais tempo – os referentes nas suas mentes.

4. Considerações finais e perspectivas futuras

Neste trabalho, propusemo-nos a situar o *WhatsApp* como um *chat*, a indicar alguns de seus traços de fala e de escrita (mais daquela do que desta), e a apresentar duas características dessa plataforma que nos chamaram atenção: (1) a possibilidade de referências recorrentes a elementos de natureza não verbal, como fotos e *emoticons*; e (2) a sobreposição e o intervalo temporal entre as mensagens dos interlocutores. Em seguida, abordamos, sucintamente, questões da nossa e de outras pesquisas que podem ser influenciadas pelas características discutidas. A nossa expectativa é a de que possamos desenvolver mais os aspectos aqui mencionados, a fim de compreendermos mais claramente como se dá a variação do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica e de analisarmos a influência de outros fatores, como a manutenção da função sintática e a animacidade do referente. Dessa forma, pretendemos apresentar em trabalhos futuros os resultados encontrados na análise desse fenômeno variável, partindo da língua em uso e pondo em evidência a influência de fatores discursivo-pragmáticos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C. Transmutação de gêneros na *web*: a emergência do *chat*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. São Paulo: Cortez, 3 ed., pp. 109-134, 2010.
- FREIRE, G. C.; VIEIRA, S. R. Variação morfossintática e ensino de português. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A.; VIEIRA, S. R. (orgs.). *Ensino de português e sociolinguística*. 1 ed. São Paulo: Contexto, pp. 81-104, 2014.
- GIVÓN, T. Topic continuity in discourse: The functional domain of switch-reference. In: HAIMAN, J. e MUNRO, P. (ed.) *Switch Reference and Universal Grammar: Proceedings of a symposium on switch reference and universal grammar, Winnipeg, May 1981*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 51-82, 1983.
- LÉ, J. B. *Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal eletrônico*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, UFRJ, 2012.
- LIMA, Y. D. R.; PAREDES SILVA, V. L. Efeitos discursivos na expressão variável do sujeito de primeira pessoa do singular em blogs de viagem. *Web-Revista SOCIODIALETO*, v. 6, pp. 412-425, 2016.

LIMA, Y. D. R. *Forma e função em gêneros digitais: estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero blog*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2017.

MARAFONI, R. L. *A distribuição do objeto nulo no português europeu e no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, UFRJ, 2010.

PAREDES SILVA, V. L. *A expressão do sujeito no português carioca contemporâneo: variação e mudança*. Projeto de Pesquisa (em andamento). CNPq/Faculdade de Letras, UFRJ, 2012.

PINHEIRO, A. F. C. A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo. *Linguística Rio*, v. 2, pp. 50-60, 2016.

SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. O princípio: entrevista com David Crystal. In: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. (orgs.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, pp. 17-35, 2013.

ABSTRACT: In this paper, we aim at defining how we can refer to *WhatsApp* when characterizing it as a *chat*, guiding our analysis through Araújo (2010). Recognizing the fact that digital genres promote several innovations to communication, we discuss some features of *WhatsApp*, namely: (1) references to elements of non-verbal nature, as pictures and *emojis*; and (2) the overlap and the time interval between the interlocutors' messages. By doing so, we focus on the influence these features might have in the accessibility of previously mentioned entities, hoping, thus, that we can contribute to research in this area. Therefore, we also aim at indicating how the aforementioned characteristics may approximate *WhatsApp* to prototypical speech or writing.

KEYWORDS: *WhatsApp*; chat; speech-writing *continuum*.

PINHEIRO, Andrei F.C. Algumas particularidades do WhatsApp: proximidade com a fala ou com a escrita?, *Linguística Rio*, vol.3, n.2, junho de 2017

ISSN: 2358-6826

Enviado: 14 de fevereiro de 2017

Aceito: 21 de março de 2017

Online: 02 de junho de 2017

